



Fotogramas do filme *O Conquistador Conquistado* (2012) de Manoel de Oliveira.

O CONQUISTADOR CONQUISTADO 2012

Realização e argumento: Manoel de Oliveira

Para o filme colectivo: *Centro Histórico*

Direção de fotografia: Francisco Lagrifa Oliveira

Música: Bach (*Concerto Italiano - Andante*), Haydn (*The seven last words of our saviour on the cross*)

Som: Henri Maïkoff

Direção artística: Pedro "Pi" Garcia

Guarda-roupa: Adelaide Trêpa

Montagem: Valérie Loiseleux

Anotação e assistência de realização: Francisco Botelho

Interpretação: Ricardo Trêpa (guia turístico), Kristine Strautane, Kristina Zurauskaite (raparigas no autocarro), GNR - Militares de Cavalaria, Militares de Infantaria.

Produção: Guimarães 2012 - Capital Europeia da Cultura, Fundação Cidade de Guimarães, A Movement

Programação: João Lopes

Produtor: Rodrigo Areias

Produção: Silvério Canto Moniz

Diretor de produção: Alexandre Papin

Imagem: Dolby Digital, cor

Duração: 10 minutos

Estreia mundial: Festival de Cinema de Roma, 9 de novembro de 2012

Estreia em Portugal: Cinema S. Mamede, Guimarães, 28 de novembro de 2012.

LIÇÃO DE VIDA

O Conquistador Conquistado pertence ao lote de quatro dezenas de filmes que foram produzidos em Guimarães, no âmbito da Capital Europeia da Cultura de 2012. Na minha qualidade de programador da respectiva área de Cinema, foi claro desde o primeiro momento que Manoel de Oliveira emergia como um nome incontornável no nosso plano de produção - e não será necessário sublinhar a importância artística e o valor simbólico de que a sua participação se revestia.

A sua colaboração ficou estabelecida numa conversa em que também participou o responsável pelo plano de produção cinematográfica de Guimarães 2012, Rodrigo Areias (e não me canso de sublinhar o admirável labor e a tenaz dedicação dele e de toda a sua equipa). Fomos recebidos por Oliveira em sua casa, em finais de 2010. Não consigo descrever o ambiente em que decorreu a conversa, a não ser dizendo que, no seu misto de pragmatismo e ironia, poderia pertencer a um filme do próprio Oliveira. Além do mais, a sua amável aceitação do nosso convite foi várias vezes pontuada pela mesma alegre chamada de atenção para um importante condicionalismo: "Tenho vários filmes para fazer..."

Assim foi. Oliveira ainda nos deu mais uma longa-metragem, *O Gebo e a Sombra*, cuja

ante-estreia ocorreu em Guimarães, precisamente, a 26 de Setembro de 2012, com a presença dos actores Claudia Cardinale, Leonor Silveira e Ricardo Trêpa -, e duas curtas: *O Velho do Restelo* (2014) e *1 Século de Energia* (2015). A sua contribuição para Guimarães 2012 é um dos quatro segmentos da longa-metragem *Centro Histórico*, completada por trabalhos de Aki Kaurismäki [*O Tasqueiro*], Pedro Costa [*Sweet Exorcist*, curta-metragem que funcionou como balão de ensaio para *Cavalo Dinheiro*] e Victor Erice [*Vidros Partidos*].

No plano formal, o convite dirigido a Oliveira e aos cineastas que deram corpo a *Centro Histórico* (exibido em Guimarães no dia 28 de Novembro de 2012, na presença dos quatro realizadores) envolvia dois vectores nucleares. Permito-me recordá-los:

1. Guimarães é uma cidade indissociável da fundação de Portugal. A sua designação de "Cidade Berço" evoca o facto de ter sido o centro administrativo do Condado Portucalense, entidade que precede a formação do reino de Portugal, em 1139. A longa-metragem produzida pela Capital Europeia da Cultura/ Guimarães 2012 terá, assim, como tema aglutinador a noção de memória e o modo como, através dela, definimos o presente e pensamos o nosso futuro. No contexto actual - com a proliferação de canais globais de comunicação e a reavaliação da própria noção de *pertença* (a um lugar ou a uma cultura) -, a memória é também, por isso mesmo, mais do que nunca, matéria vital para pensarmos a nossa identidade.

2. O projecto poderá resumir-se através de uma pergunta básica: "Quem sou eu através da minha memória?". Não se pretende fazer um filme limitado pela noção de "evocação", do mesmo modo que não se procura qualquer registo tradicional de "reconstituição" histórica. Os cineastas são convidados a trabalhar alguma referência - próxima ou distante, pessoal ou colectiva - a que atribuam especial importância na sua memória pessoal. Nesta perspectiva, Guimarães surge, não como "tema", mas sim

como fonte inspiradora para tratar matérias de algum contexto histórico, geográfico ou cultural, com especial ressonância afectiva, intelectual ou simbólica. A longa-metragem resultante deste projecto existirá como uma tapeçaria de olhares que, em última instância, desenharão o quadro de uma nova pergunta: "Como é que a minha memória é partilhável com outros?"

Na ausência de Oliveira para nos ajudar com a sua precisão e o seu humor, o menos que posso dizer sobre esta breve e radiosa fábula envolvendo os turistas que descobrem a estátua de D. Afonso Henriques, em Guimarães, é que nela encontro uma lição de vida cuja pertinência, para o melhor ou para o pior, os nossos tempos trágicos vão reforçando. A saber: na sua urgência política e afectiva, a preservação da memória exige uma permanente discussão das imagens que produzimos para a ilustrar, estruturar ou transmitir.

Final de contas, organizar a memória começa na simples, mas difícil, arte de olhar à nossa volta. Depois de Oliveira nos ter revelado *O Conquistador Conquistado*, dei-lhe conta do meu espanto e admiração pelo facto de ele ter decidido evocar D. Afonso Henriques, e a sua estátua, de forma tão especial e sugestiva. Ao que ele me explicou que a decisão de filmar começava numa muito básica disponibilidade face ao silêncio da estátua: "Ela estava lá..."

João Lopes

Dezembro de 2015